

O CONTO NA SALA DE AULA: UM DIÁLOGO ENTRE O TRADICIONAL E O MODERNO

LOPES, Maria Taynná Corrêa Lima (UEPB)

SILVA, Jacklaine de Almeida (orientadora - UFPB)

O presente trabalho visa refletir sobre a elaboração de uma sequência didática desenvolvida na disciplina de Estágio Supervisionado II, da UEPB, em 2013, e aplicada, durante seis semanas, com alunos do 9º ano do ensino fundamental, na E.E.E.F.M. Dom Adauto, em Serra Redonda-PB. Para isto, demonstramos como se deu a nossa intervenção de ensino e refletimos sobre a recepção que esses alunos tiveram desses contos em sala de aula, através da comparação entre contos tradicionais e contos da modernidade. Na tentativa de despertar o gosto pela leitura, trabalhamos não só a vertente oral como escrita, em dramatizações dos contos que foram lidos e analisados, em conjunto, pelos alunos.

Palavras-chave: Sequência Didática; Leitura; Conto.

Introdução

A presente pesquisa foi desenvolvida na disciplina de Estágio Supervisionado II (Estágio de Intervenção), ministrada pela professora Francisca Eduardo, no quinto semestre do curso de Letras - Habilitação Língua Portuguesa, da Universidade Estadual da Paraíba. O referido estágio proporciona o contato dos graduandos com o ambiente escolar, no que tange à aplicação de uma proposta de intervenção no Ensino Fundamental II da Educação Básica e é realizado em duplas.

No início dessa disciplina, a professora expôs referenciais teórico-metodológicos que serviram como auxílio na nossa prática didática e no cumprimento da sequência que desenvolvemos. Sendo assim, o presente artigo visa relatar como se deu o desenvolvimento da sequência didática no que tange à recepção e aprendizagem dos alunos, analisando até que ponto há contribuição para o ensino desse gênero literário.

O ensino de Língua Portuguesa não deve ser mais pautado em etapas, ou em recortes, portanto é necessário pensar num processo de ensino que proporcione ao aluno refletir para desenvolver um bom senso crítico. Para isso, será relatada nossa experiência, que aconteceu na E.E.E.F.M. Dom Adauto, em Serra Redonda-PB, no turno da tarde, com alunos do 9º ano A e B do ensino fundamental II do Ensino Regular, com a finalidade de ver a realidade nas duas turmas e fazer com que todos

alunos daquela série participassem da intervenção.

Nessa perspectiva, o artigo apresenta a fundamentação teórica com vários pressupostos para nossa prática docente; Metodologia e contextualização do estágio; a análise de nosso estágio, embasada nos pressupostos anteriores; possíveis sugestões para o ensino de língua e as considerações alcançadas após a aplicação da sequência, tendo em vista que objetivamos despertar o gosto pela leitura e produção do gênero literário conto, já que muitas vezes o embate de não conhecer faz com que os alunos não “gostem” do gênero citado.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A escola de hoje é uma construção histórica recente, o acesso ao conhecimento se dá de muitas formas, é notório a busca pela inserção de todos ao ensino de qualidade. Quanto à organização existe o planejar, que é feito com todos que fazem parte da comunidade escolar tendo como base o contexto, ou seja, cada realidade sócio cultural, que é fundamental para administrar uma escola.

2.1 O ensino de língua e a Análise linguística.

Não é recente a preocupação com o ensino de gramática que as escolas oferecem.

“Sabemos que é difícil fixar o que, particularmente, deva constituir a disciplina **gramática**, ou um conteúdo curricular escolar, especialmente nos graus iniciais. É difícil, mesmo, avaliar os diversos tipos de gramática que a história do saber gramatical nos tem oferecido.” (NEVES, 2008, p. 17)

A Língua é um bem muito preciso para a humanidade, e através dela podemos expressar-nos e fazer com que nos compreendam. Tendo isto em vista, o professor de Língua Portuguesa, deve usar estratégias para servir de ponte entre o aluno e este conhecimento, realizando um papel de mediador.

Os trabalhos que envolvem conhecimentos linguísticos devem abordar os fatores fundamentais para a construção textual e, conseqüentemente para a comunicação. Dessa forma, esses recursos (estruturais, linguísticos, estilísticos e funcionais) atuam como instrumentos necessários à construção do sentido. Ao dominar o uso desses recursos, os alunos estarão aptos a ampliar sua capacidade linguística de forma a pluralizá-la e, com isso, poderão empregá-los em situações reais de comunicação.

2.2 Letramento, leitura, produção e compreensão de textos.

Quanto ao letramento, nas palavras de Marcuschi (2001), é um processo de aprendizagem social e histórica da leitura e da escrita em contextos informais e para usos utilitários, por isso é um conjunto de práticas, ou seja, 'letramentos'[...] Distribui-se em graus de domínios que vão de um patamar mínimo a um máximo (p.21). Quanto à escolarização, define este autor, como "uma prática formal e institucional de ensino que visa a uma formação integral do indivíduo, sendo que a alfabetização é apenas uma das atribuições/atividades da escola".

O letramento é visto como uma porta para crescimento social do indivíduo ou de um grupo social. Para Vigotsky (apud TFOUNI,1995, p.21),favorece os processos mentais superiores, tais como: raciocínio abstrato, memória ativa, resolução de problema etc. Segundo o mesmo, quando o conhecimento que os alunos trazem de seu cotidiano e os raciocínios que desenvolvem ao resolver uma atividade são aproveitados como uma alavanca para o ensino, contribuímos para o aprendizado reflexivo da leitura e da escrita, dos usos da língua e para a formação de significados, avaliando o que sabem para direcionar o próximo desenvolvimento.

Calkin (2002,) sugere que desde o início da escolarização, os alunos participem de rotinas de discussão conjuntas dos temas que forem trabalhados em atividades de leitura e de escrita com participação do professor em forma de negociação.

Vários teóricos definem leitura como um processo de interação entre texto e leitor. A leitura deve ter a finalidade de atender às necessidades de viver com os outros, na sala de aula, na escola e fora do âmbito escolar frente às diversas situações comunicacionais; para construir um imaginário repleto de competência. As experiências de leitura devem garantir o desenvolvimento da imaginação, da sensibilidade, do gosto de ler.

2.3 Gêneros textuais na escola e a reescrita de textos.

Por meio das produções de texto que os alunos criam competências cognitivas para se comunicar de uma forma autônoma dentro e fora do contexto escolar. Para isso, torna-se crucial no processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa proporcionar-lhes, em primeiro lugar, o contato com a diversidade de gêneros por meio da leitura, e andando junto das produções de escrita. Determinadas as condições de produção, os estudantes passam a olhar o texto como um processo e não como um fim

em si mesmo; eles percebem a necessidade de planejá-lo, escrevê-lo, revisá-lo e refazê-lo.

Existe a necessidade de trabalhar a produção de textos junto com a perspectiva das práticas sociais. Desse modo se faz necessário trabalhar com diferentes gêneros, conforme tratam os Parâmetros Curriculares Nacionais. É fundamental objetivar o desenvolvimento das habilidades de leitura e produção de texto, seja na modalidade escrita ou oral. O professor de língua materna tem que servir de mediador e promover ou provocar no aluno o desejo pela prática da produção textual.

Os PCN não incentivam um ensino de língua embasado na gramática normativa, mas um ensino embasado nos gêneros textuais para tratar da leitura e produção de textos, tendo em vista a variedade social. Não obstante a essa realidade, os alunos, ainda tem poucas oportunidades de produzir textos e ter acesso aos gêneros sejam escritos ou orais, pois é privilegiado o ensino de língua no que se refere aos seus domínios normativos.

Trabalhar com gêneros textuais na perspectiva de produção textual requer, também, a reescrita de textos:

Provavelmente, a questão prática mais “confusa” é a da correção. Muitos professores aos quais são apresentados “novos” projetos de ensino se perguntam se, afinal, devem continuar corrigindo ou não. A pergunta, talvez, seja mal posta. Obviamente, um professor não pode esperar que os alunos aprendam sem sua intervenção; afinal, é para “ajudar” que o professor está na aula. O que talvez deva ser novo é o modo de “corrigir”. Por isso, aqui se propõe empregar as palavras revisar (revisão) e reescrever (reescrita).

Deveria ficar claro que revisar inclui corrigir, mas há duas diferenças:

a) em primeiro lugar, corrigir supõe compreender o que houve, quais as razões de um “erro” – que é a melhor forma de passar de uma etapa a outra do saber do aluno; b)revisar é ir além de corrigir, porque pode significar também alterar o texto em aspectos que não estão “errados”. (POSSENTI, 2008, p. 05-06)

A reescrita é de extrema importância no âmbito educacional, pois o trabalho é desenvolvido através das deficiências dos alunos, detectadas em suas produções textuais. Dessa forma, o desafio não é corrigir, mas sim detectar para “concertar” o inadequado. Temos que trabalhar a revisão conjunta, que abarca não só aspectos da língua, mas as peculiaridades do gênero. Discutir razões que levaram o autor a escrever daquela forma, e trabalhar a perspectiva de (re)escrever o seu texto.

Segundo Vigotsky (1998), quando o conhecimento que os alunos trazem de seu cotidiano e os raciocínios que desenvolvem ao resolver uma atividade são aproveitados como uma alavancas para o ensino, contribuimos para o aprendizado reflexivo da leitura

e da escrita, dos usos da língua e para a formação de significados, avaliando o que sabem para direcionar o próximo desenvolvimento.

2.3 O gênero Conto

Podemos encaixar o conto, gênero aqui tratado, como um gênero secundário que advém de gêneros primários como, por exemplo, uma conversa informal, corroborando com o que diz Silva (2013). Para uma explicação mais precisa do que seria o conto podemos iniciar afirmando que:

O conto é, pois, uma narrativa unívoca, univalente, constitui uma unidade dramática, uma célula dramática, visto gravitar ao redor de um só conflito, um só drama, uma só ação. Caracteriza-se, assim, por conter unidade de ação, tomada está como a sequência de atos praticados pelos protagonistas, ou de acontecimentos de participem. A ação pode ser externa, quando as personagens se deslocam no espaço e no tempo, e interna, quando o conflito se localiza em sua mente. (MOISÉS, 1997. p.40).

Para este autor a unidade dramática aponta os outros fatores do conto, como por exemplo, o tempo. Graças a este caráter citado o conto possui poucos personagens e é narrado em terceira pessoa. Apresenta certa linearidade em seu enredo, apesar de se tratar de algo imagético.

Levar a leitura de contos consagrados para sala de aula, talvez, seja refletida nas reclamações dos alunos, pois esses se mostram desinteressados e muitas vezes desestimulados. O professor deve assumir seu papel de desbravador e articular ferramentas que viabilizem o ensino deste gênero.

Pensando no exposto podemos frisar que o conto é uma narrativa de fácil assimilação e que possui familiaridade com o grau de interação entre os adolescentes, que a todo instante “contam histórias” aos seus colegas. Este caráter aproxima este gênero dos alunos, pois eles cotidianamente contam fatos. Pensando nisto encontramos um ótimo pretexto para iniciar e estimular a leitura e produção deste gênero.

2.4 Sequência Didática.

A sequência didática foi destinada aos alunos dos anos finais do ensino fundamental com critérios de metodologia de ensino-aprendizado. No decorrer dos estudos, procurou-se abordar questões estruturais, funcionais e interacionais, a fim de proporcionarmos um ensino significativo e prazeroso.

Inserir o conto a na experiência foi a tentativa de despertar o gosto pela leitura e escrita, até de uma possível e construtiva reescrita da produção textual. Os contos de fadas e fábulas são gêneros indispensáveis para que o aluno venha refletir sobre valores humanos por meio de narrativas curtas e divertidas.

De acordo com os PCN necessitamos cada vez mais aprimorar a capacidade que cada um tem de produzir textos orais, pois situações sociais exigem cada vez mais, e pra isso utilizamos a dramatização, que já foi um grande passo, para envolver os participantes da aula e mostrarmos que essa comunicação oral é significativa, Joaquim Mattoso Câmara Junior (1996, p.14) observa que a linguagem pode ser falada e escrita, e que essas são tipos distintos de exposição linguística.

A leitura acontece em três âmbitos, corroborando com o que diz Koch, leitura com foco no autor, onde o leitor capta as ideias do autor, e assim é um ser passivo; leitura com foco no texto, na qual o leitor estabelece uma relação com o texto para, apenas, reconhecer suas estruturas e palavras, sendo um decodificador do signo linguístico; e a leitura com foco no autor-texto-leitor, estabelecendo uma relação de interação entre os três a fim de refletir em uma leitura precisa, que vai além do que está dito no texto, examina as entrelinhas do texto, através da leitura com conhecimentos enciclopédicos, o que se sabe do autor, o que o texto oferece como suporte para leitura, o quando, como, onde. Esses pontos forneceram uma leitura precisa e tornará o aluno, um ser crítico e pensante capaz de se constituir como cidadão autônomo e consciente.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa se encaixa no paradigma de qualitativa por não se basear em números, mas sim na natureza do problema aqui estudado. Podemos destacar como uma pesquisa participante, pois à medida que investigamos também participamos da realidade educacional destes educandos.

As etapas foram assim desenvolvidas:

-Primeira fase (na universidade): No início da disciplina a professora apresentou alguns suportes teórico-metodológicos para a nossa intervenção em sala de aula. A professora retratou a importância da leitura e escrita no ensino de Língua Portuguesa, e

o uso da ferramenta sequência didática. No que tange ao último citado, é necessário, não só em nível de organização do professor, mas para desenvolver no aluno o amplo contato com determinado gênero textual.

-Intervenção (na escola):

Chegamos inicialmente Escola Estadual Murilo Braga, no bairro da Liberdade, nos apresentamos à direção e à professora Iolanda, que é formada em psicologia, e se encontrava na graduação de Língua Portuguesa. Nesta escola, realizamos o Estágio I e a pretensão era dar continuidade, aplicando a sequência onde pesquisamos, mas não foi possível porque a escola não comportava mais estagiários. Desse modo, procuramos outra escola, mas não encontramos por inúmeras dificuldades.

Sendo assim, a alternativa foi realizar o estágio na E.E.E.F.M. Dom Adauto na cidade de Serra Redonda-PB, onde uma das estagiárias morava e assim sendo conhecia o universos dos alunos, o que colaborou para a idealização desta proposta de ensino.

Trata-se do turno da tarde, do 9º ano do Ensino Fundamental II da Educação Básica. Os alunos são jovens da zona urbana e rural, em sua maioria adolescentes que possuem contato com os meios digitais vigentes.

3. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO ESTÁGIO.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dom Adauto, localiza-se em Serra Redonda, Paraíba, no conjunto habitacional Antônio Mariz II. A direção da escola é bem hospitaleira, por sinal nos recebeu muito bem. As aulas de Português do Fundamental II, nos 9º anos, turmas nas quais desenvolvemos a vivência, eram ministradas pela professora Jacilene. Não podemos falar muito sobre a prática educacional da professora porque fomos para lá na condição de exercer a prática docente e assim não presenciamos nenhuma de suas aulas, pois ela nos concedeu, de imediato, a sala para lecionarmos. Mas tendo em vista os conteúdos expostos nos cadernos dos alunos e depoimentos dos mesmos, percebemos que suas aulas estão pautadas no ensino bem tradicional no que tange ao ensino de gramática normativa, porém a professora gosta de trabalhar com gêneros textuais.

A educadora é graduada em Letras, pela UEPB, e faz parte do quadro de

professores efetivos da escola desde 2012, porém já leciona Língua Portuguesa há aproximadamente dez anos em outra escola, sendo, também, professora de educação infantil em outro município.

A turma do 9º ano A possui aproximadamente vinte alunos, é uma sala com um rendimento muito baixo e alunos totalmente desmotivados, achamos que por se tratar, em sua maioria, de alunos repetentes, mas eles foram bem receptivos, já o 9º ano B possui aproximadamente trinta alunos, esses são dedicados e bastante curiosos em aprender cada vez mais, porém, às vezes, as conversas paralelas nos atrapalharam um pouco. Os alunos são adolescentes, que em sua maioria não trabalham ainda, estudam no turno da tarde.

A professora nos deu livre acesso para desenvolvermos nossa sequência didática, que tinha como gênero literário o conto, e pedir que nós engajássemos a concordância nominal e verbal nos procedimentos. A priori não entendemos a solicitação, mas depois do primeiro contato com as produções dos alunos percebemos que realmente era necessário pois existia uma imensa dificuldade por parte da maioria da sala visualizadas através destas produções no que tange a este assunto gramatical. Solicitou, também, a composição de uma nota para o quarto bimestre junto com os alunos.

No primeiro encontro houve a apresentação. As turmas nos receberam muito bem, e isto nos deixou muito animadas. Mas ao apresentarmos aos alunos que iríamos trabalhar com contos, a priori, os olhares não foram satisfatórios, mas a todo instante buscamos aproximar: levamos em consideração o contexto sócio, cultural e histórico dos discentes e comentávamos fatos que caracterizavam-se como um conto e de que forma eles poderiam transformar aquilo em um conto, daí então eles começaram a ter outro olhar, apesar da resistência conseguimos.

De início fizemos uma dinâmica para uma primeira interação com as turmas. Esta serviu como nosso elemento motivador que conquistou a turma. Foram feitas perguntas como: Quem você levaria para uma ilha deserta? ; Se você fosse montar um time quem não faria parte da equipe? ; Para uma viagem que você foi sorteado, quem lhe acompanharia? ; Quem lhe ajudaria a montar uma festa? ; As respostas deveriam conter pessoas da sala de aula.

Não imaginávamos que isto seria o pontapé inicial para as escritas dos contos. Os alunos registraram as respostas em seus cadernos e no momento da culminância eles

não queriam apenas ler o nome dos colegas, mas queriam contar a história de como aconteceria. A partir daquele momento nós percebemos que isto seria o início da produção textual.

Começamos a chamar a atenção deles para perceberem que estavam produzindo um conto de forma oral. Eles ficaram totalmente envolvidos, por isto que adaptamos nossa sequência e os contos deles foram montados a partir desta dinâmica (isto se deu mais adiante, explicaremos no decorrer da descrição). Em seguida apresentamos os elementos da narrativa e os aspectos estruturais do conto usando exemplos que eles mesmo haviam citado oralmente no momento da dinâmica. Ainda no primeiro encontro, de duas aulas, expomos alguns referenciais teóricos sobre a narrativa e os elementos estruturais do conto.

No encontro seguinte, fizemos uma leitura de alguns tipos textuais narrativos e explicamos as particularidades do conto em contraponto aos outros textos narrativos, demonstrando isto através do próprio gênero. Daí, propomos uma atividade que fizesse com que estes alunos tivessem contato com gêneros orais, no caso a dramatização, a fim de apropriar esta prática, assim sendo, propomos a leitura em grupo de contos de Clarisse Lispector- como, por exemplo, A galinha, Feliz aniversário, Laços de família, e contos de fadas: Os três porquinhos e Chapeuzinho Vermelho. Após a leitura os grupos deveriam dramatizar os contos para que todos os alunos tivessem contato com os demais contos. O êxito foi notório: a turma se empenhou e os alunos participaram de forma que todos colaboraram com as dramatizações. O que mais nos chamou a atenção foi a desenvoltura da turma que se expressou muito bem oralmente.

Os alunos que ficaram com os contos tradicionais (Chapeuzinho vermelho e Os três porquinhos) obtiveram uma desenvoltura melhor na hora da dramatização graças à compreensão e contato que já tiveram quando criança. Já os alunos que ficaram com os contos modernos de Clarice Lispector afirmaram que tiveram um pouco de dificuldade em compreender a linguagem da autora, mas mesmo assim gostaram muito de seus contos.

Nas duas aulas seguintes pedimos que eles produzissem contos a partir de uma das questões que foram apontadas na dinâmica inicial. Os contos foram produzidos em sala de aula. A leitura dos mesmos provocava deleite, mesmo sem ter muito contato

com o gênero, eles produziram satisfatoriamente. Os contos não só obedeciam ao caráter estrutural da narrativa como ao caráter literário, os alunos adoraram.

Em seguida, corrigimos os textos quanto aos aspectos estruturais, os quais não tiveram muitos problemas e quanto aos aspectos gramaticais, este sim foi um trabalho debruçado. Após isto identificamos as principais dificuldades dos alunos na questão gramatical e vimos que realmente era necessário trabalhar com concordância.

Na semana seguinte as produções com possíveis correções foram entregues. Cada aluno ficou com a sua. Expomos o conteúdo gramatical: concordância nominal e verbal. A exposição foi esquematizada no quadro, com um conteúdo que selecionamos, pois o livro didático utilizado pela escola era pobre neste conteúdo. Explanamos o assunto, tiramos as dúvidas e trouxemos exemplos vistos em suas produções que mostraram bastante necessidade. Aplicamos um exercício, só a nível de treino, sobre o conteúdo gramatical.

Outra vez distribuimos as produções textuais para que os alunos reescrevessem, concertando os “erros” de concordância e alguns aspectos que ficaram a desejar na composição do gênero literário, conto, após recolhemos os textos. Em casa, corrigimos as produções atribuindo-as notas, já que a professora assim solicitara. Desse modo, as notas ficaram assim compostas: 8.0 para a produção textual e 2.0 para o exercício e a dramatização dos contos.

Nas reescritas observamos o avanço dos alunos: eles não só mudaram o que apontamos como necessário, mas o que eles acharam que poderiam fazer melhor e realmente o fizeram.

Em resumo podemos afirmar: o nosso contato com o universo escolar além de nos certificar que este caminho nos dar prazer pode nos mostrar que a falta de estímulo faz com que os alunos desprezem o que não conhecem.

4. SUGESTÃO E REFLEXÕES DO ESTÁGIO.

Apesar de alguns entraves que encontramos, o estágio foi bastante proveitoso, nos mostrou a necessidade de se trabalhar com gêneros literários e a sequência didática, pois além de organização na prática educacional, desperta no aluno, os objetivos propostos.

A nossa vivência nos mostrou que é possível sim despertar no aluno o prazer pela leitura, é possível sim tirar alunos que estão à margem e colocá-los em uma situação de sujeito crítico e pensante.

O trabalho docente requer estudo e cuidado. É um trabalho que exige do educador que debruçar-se, procurar possíveis soluções. Ao final das contas, os alunos se sentem instigados a pensar.

Outro ponto a se pensar nesta vivência é que a produção deve ter uma finalidade. O nosso objetivo final era compor uma coletânea com os contos afim de que a comunidade local pudesse ter contato com a produção dos alunos, porém, já que foi condição da professora para disponibilização das turmas, tivemos que atribuir notas as produções. Isto, muitas vezes, é um problema no estágio: os professores disponibilizam suas turmas, mas fazem exigências de notas, o que, certas vezes, prejudica o andamento da sequência, em nosso caso, não foi barreira, pois os alunos obtiveram ótima desenvoltura. O que compra o fato dito é que os alunos gostaram tanto do conto que solicitam empréstimos de livros para seu deleite em casa. Isto é muito gratificante.

Nós fizemos adaptações no que foi necessário, as duas turmas nos mostraram realidades diferentes, em questões de níveis de aprendizagem, mas nem por isso o que foi tratado com uma turma não foi com a outra. Tentamos e conseguimos, reformulamos e contemplamos a maioria.

6.CONCLUSÃO

As experiências do estágio II, nos permitiu o contato com lições que iremos colocar em práticas tendo em vista a necessidade de profissionalização por parte do professor e em especial, de Língua Portuguesa. Para isso temos o auxílio teórico e agora chegou o momento de colocar em prática todas as experiências de observação que nos serviram de suporte durante o estágio, e além do mais nosso contato com o ambiente escolar.

Percebemos que o ensino é concretizado com colaboração e dedicação, e que a teoria deve andar junto da prática, pois são duas ferramentas essenciais para realizar um bom trabalho. No vigente semestre executamos de uma forma competente o que nos foi mostrado, o que vivenciamos e as dificuldades que surgiram, que com certeza teremos

no decorrer de nossa vida profissional só irão ser aperfeiçoadas a partir de nossa maturidade que só serão alcançada com o tempo.

A Escola Estadual Dom Adauto, por parte da direção, da professora e do alunado, nos proporcionou a honra de atuar transmitindo o nosso conhecimento e aprendendo muito do que é ser professor, do que é estar em uma sala de aula e com certeza somos gratas por cada momento vivenciado e experiência adquirida. Rompemos distâncias significativas para tal realização, mas o retorno foi a colaboração e compromisso de todas as turmas para com as nossa proposta de ensino.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEZERRA, Maria Auxiliadora. ; DIONISIO, Angela Paiva. **O livro didático de Português: múltiplos olhares**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- CAMARA, Junior, Joaquim Mattoso. **Manual de expressão oral e escrita**. 16 ed. Petrópolis: vozes, 1986.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco “falada”** in: Bezerra, Maria Auxiliadora; DIONÍSIO, Angela Paiva (orgs.) O livro didático de português: múltiplos olhares. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001. p22.
- MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004. p.184
- NEVES, Maria Helena de Moura. **Que gramática estudar na escola?** . 3ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- PEREIRA, Regina Celi Mendes. **Ações de linguagem: da formação continuada à sala de aula**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.
- _____. **Entre teorias e práticas: o que e como ensinar nas aulas de português**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.
- POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.
- _____. **Sugestões de trabalho**. Disponível em: http://www.iel.unicamp.br/cefiel/alfaletas/biblioteca_professor/arquivos/62Reescrita_d_e_texto.pdf . Acesso em 09/03/2014, às 14:00hs.
- SOUSA. Maria Ester Vieira de. ; PEREIRA. Regina Celi Mendes. **Leitura e produção de texto I: Do texto para o mundo e do mundo para o texto: movimentos de leitura e de escrita**. Disponível em http://portal.virtual.ufpb.br/biblioteca-virtual/files/leitura_e_producao_de_texto_i_1359990314.pdf . Acesso em 10/03/2014, às 12:00hs.